



XI ENCONTRO ESTADUAL DO FÓRUM GOIANO DE EJA

- 17 a 19 de maio de 2012 -

**Auditório do Centro de Eventos Municipal Ilídia Lopes
Caldas Novas-GO**

Educação de jovens e adultos em Goiás: luta política e pedagógica

RELATÓRIO MEMÓRIA

O XI Encontro Estadual do Fórum Goiano de Educação de Jovens e Adultos (EJA), intitulado “Educação de Jovens e Adultos em Goiás: Luta política e pedagógica”, foi realizado nos dias 17 a 19 de maio de 2012, teve sua abertura oficial no Auditório do Centro de Eventos Municipal Ilídia Lopes, em Caldas Novas, na noite de 17 de maio de 2012. Contou com aproximadamente 500 participantes na abertura, dos quais 135 estavam inscritos no evento, oriundos de 17 municípios goianos e um município da Bahia. Este encontro teve como objetivo o fortalecimento da EJA no estado de Goiás e buscou, por meio de discussões, reflexões, mobilizar/ articular todos os segmentos de EJA no estado, bem como propor ações e encaminhamentos acerca das políticas públicas para esta modalidade, e indo além, influenciar na práxis da realidade para transformá-la. Às 18h30 houve a acolhida dos participantes que apreciaram exposição de fotos de trabalhos educativos desenvolvidos na Escola Municipal Edith Ala e extensões, e na EJA da Unidade Prisional. Em seguida, assistiram à apresentação do Grupo de Teatro formado pelos alunos da Escola Municipal Professor Zico Batista. Na sequência, educando Carlos Souza de Moraes o contador de história da Escola Municipal da cidade de Piracanjuba contou a história intitulada “Pirilampo o amigo de Palha” Augusto Faro. Logo depois os participantes apreciaram o vídeo com imagens dos 10 anos do Fórum Goiano de EJA. A abertura oficial ocorreu às 20h30min, com a composição da mesa oficial, da qual participaram a Coordenadora do Fórum Goiano de Educação de Jovens e Adultos, Professora Maria Emilia de Castro Rodrigues; a Vice-presidente da UNDIME/Goiás Prof.^a Virgínia Pereira de Melo; o presidente da UNCME Prof.^o Fabrício de Souza Costa; a Prof.^a Janaína Cristina de Jesus, representando o reitor da PUC GOIÁS e representante do segmento de Universidade no Fórum; a Professora Alba Valéria representante do Sintego; Marcell Maciel da Silva, representante dos educandos da EJA do município de Caldas Novas; Ana Lúcia Duarte MST /Movimento social; o Prof.^o Márcio Cornélio - Gerente do Núcleo de Ensino a Distância, onde se encontra a EJA da Secretaria de Estado da Educação de Goiás; Lilian Maria, representante do Fórum Regional do Entorno Sul; Jesiel Simplicio da Silva, representante do Fórum Regional das Águas; Marcos Otoniel da Cunha, representante do Fórum Regional Metropolitano; Helimar Vieira Moraes, representante do Fórum Regional dos Grãos.

A professora Maria Emília fez o pronunciamento em nome da Coordenação Colegiada do Fórum, agradecendo a presença dos participantes, a acolhida e toda organização dos companheiros de Caldas Novas. Na oportunidade, fez uma denúncia,

informando aos presentes o descaso da Secretaria Estadual de Educação com os educadores e educandos da EJA, que mais uma vez ficaram impossibilitados de participar desse XI Encontro Estadual do Fórum Goiano de EJA, por falta de apoio financeiro. A falta de pagamento das inscrições impossibilitou a participação de 50 educadores e educandos que poderiam contribuir com todas as discussões previstas nesse encontro. O Fórum Goiano de EJA revela-se como espaço de luta e mobilização. Nesse sentido, não pode comungar com essa ação que demonstra tamanho descompromisso com a EJA. Na sequência, Maria Emília fez a chamada de todos os municípios presentes: Formosa, Aparecida de Goiânia, Rio verde, Novo Gama, Cidade Ocidental, Valparaíso, Uruaçu, Morrinhos, Quirinópolis, Senador Canedo, Piranhas, Rio Quente, Piracanjuba, Goiatuba, Orizona, Caldas Novas, Brasília/representante do Portal, Município da Barra/Bahia. A metodologia utilizada no encontro contou inicialmente com a mesa de abertura, onde os representantes de diversos segmentos se apresentavam e proferiram algumas considerações sobre a importância do evento. Em seguida, os educandos assumiram a mesa para relatar suas experiências e perspectivas acerca da educação de jovens e adultos e abriram para o debate. Na manhã do dia 18/05 houve mesas expositoras, debates e proposição para plenária final; à tarde aconteceram reuniões de reflexões e encaminhamentos dos fóruns regionais e oficinas/trocas de experiências. O encontro encerrou - se com uma plenária final, decidindo o rumo dos encaminhamentos sugeridos durante o encontro.

Às 21h a mesa “**Experiências, convivências e perspectivas na EJA sob o olhar dos educandos**”, tem início com as educandas Sirlene Martins de Lins representando o PROEJA/Médio do Instituto Federal Educação e Tecnologia de Goiás, 4º período, e Darlene de Souza Carvalho educanda da EJA da cidade de Caldas Novas, Escola Municipal Madre Isabel. As educandas iniciaram as exposições comentando o longo período fora do processo de escolarização, as muitas dificuldades para retomarem os estudos, bem como o grande significado da educação em suas vidas. No entanto, apresentaram alguns fatores que surgiram como desafios para uma formação melhor. O material didático, especialmente os livros, nem sempre oferecem de fato uma oportunidade de aprendizagem; as educandas não percebem significado para suas vidas em alguns livros escolhidos e disponibilizados para algumas disciplinas. Os professores Jesiel e Helimar fizeram a mediação e diálogo com as educandas a partir de suas experiências em salas de EJA, bem como de suas vivências com as distintas realidades de outros municípios.

Os trabalhos desenvolvidos no dia 18/06, pela manhã, tiveram início às 08h e contou com três mesas que ocorreram simultaneamente, discutindo os seguintes temas: **A EJA após 10 anos de PNE, PEE e PEM; Contribuições da Educação Popular para a permanência dos educandos na EJA; O trabalho pedagógico na EJA: reflexões, possibilidades e desafios.**

A mesa: **A EJA após 10 anos de PNE, PEE e PEM**, teve como expositores: Maria Margarida Machado (FE – UFG); Kássia Miguel (Seduc-GO), ausente devido ao não pagamento das inscrições dos Educadores da Secretaria de Estado da Educação; Marilda Dimarchi (SME de Goiatuba) – Ausente; Coordenadora: Cláudia Borges Costa (SME – Goiânia).

Cláudia Borges da Costa iniciou saudando os participantes do encontro, solicitando aos mesmos que se apresentassem dizendo cidade de origem, instituição. A debatedora apresentou o objetivo da mesa, que era discutir como a EJA foi contemplada no PNE, PME, PEE na última década. E acrescentou: “diante da negação da Seduc-GO, em relação ao pagamento das inscrições, será mantida em todas as atividades uma cadeira com a camiseta do encontro, para marcar as ausências dos professores e alunos

que foram impedidos de vir, por falta de pagamento de suas inscrições. Situação que tem se repetido nos últimos encontros.” Entre os participantes presentes estavam presentes alunos de graduação, bolsistas, pesquisadores das instituições de ensino superior, professores da rede municipal, de Goiânia, Valparaíso, do Entorno Sul, em sua maioria do município de Caldas Novas; representantes dos conselhos municipais de educação, gestores, coordenadores de EJA, coordenadores do programa de educação fiscal, que ofereceriam uma oficina, sobre o tema durante a tarde. Cláudia reforçou os votos de agradecimento ao fórum das águas em sediar o encontro. Ela reiterou a importância de marcar a indignação com o governo do Estado de Goiás. “Esse encontro é muito importante para pensar o sentido dos fóruns de EJA, o que são os fóruns de EJA?” E ainda, solicitou aos participantes do Encontro, que registrassem no verso da ficha de avaliação o que compreendiam desse sentido. Margarida iniciou sua fala explicando o que significa as siglas PNE, PEE, PME, questionou quais os municípios possuem plano municipal de educação, dentre eles: Goiânia, Formosa, Novo Gama e Pirenópolis, sendo que os três últimos encontram-se em construção. “Essa mesa propõe a discutir a legislação educacional e entender como ela pode nos ajudar a compreender o trabalho pedagógico em sala.” E continua “o Brasil encontra-se no segundo ano sem um plano nacional de educação, pois o último plano aprovado expirou (2001-2011). O plano municipal de Goiânia, assim como o plano Estadual encontra-se em fase final, deveria estar em fase de elaboração”.

Margarida falou da dificuldade da EJA se constituir enquanto modalidade de ensino, pois ainda predomina a concepção de Ensino Supletivo contemplada na lei 5.692/71, que precisa ser superada. E ressaltou: “Por isso muitos são aqueles que falam o EJA, e não a EJA, a educação. Passar o aluno com qualquer nota, com qualquer avaliação a escola tem que ser mais do que oportunidade de estabilidade no emprego, a propaganda nacional ainda segue como ensino supletivo”. “Que tipo de educação estamos ofertando aos adultos da EJA? Nem sempre contempla a formação pedagógica”. “Não é só mudar o nome, tem que se mudar o conceito, a concepção de educação que os professores têm”. “Não significa que o supletivo não tenha contribuído, mas ele fez um “dês-serviço” à educação, dizendo que para o adulto qualquer ensino rápido, barato serve”. “A lei 5.692/71 é a primeira lei que trata em um capítulo específico sobre o supletivo”. “Desde a década de 1940, a educação de jovens e adultos já contempla os adolescentes, lidar com a defasagem dos jovens é um problema histórico, que ainda não foi resolvido”.

“Qual o tipo de educação queremos ter em nossas escolas? Qual a finalidade do PPP em nossas escolas? Temos que parar de continuar seguindo somente o que outros escrevem e determinam para nós. Cabe à população acompanhar o serviço dos representantes que elegemos e que acabam por fazer de um projeto de lei proposto pela sociedade civil uma lei que não serve ao direito do povo. Quando o presidente Fernando Henrique Cardoso vetou o financiamento do PNE, ele cortou as possibilidades de crescimento da educação de todos, desde a Ed. Infantil ao ensino superior”.

E continuou afirmando que o “PNE afirma em seu artigo que os estados precisam elaborar seu próprio plano educacional. Dos 26 estados da federação apenas 7 elaboraram esse plano. Em grande parte por falta de conhecimento dos professores da legislação, pois é de responsabilidade dos secretários de educação dar continuidade ao processo de elaboração do plano. É dever dos professores acompanhar a legislação e exigir dos representantes a aplicação dos recursos. Das 295 metas no PNE 2001-2011, 26 metas específicas da EJA”. Margarida apresentou as principais metas por tema. “Em relação às metas de matrículas, percebe-se uma queda em relação às matrículas no primeiro segmento apesar dos programas de alfabetização, como o PAS e o Brasil

Alfabetizado”. “Não há possibilidade de contemplar o cumprimento das metas de ampliação da matrícula na EJA. Os programas de iniciativa federal contribuíram com a acomodação dos gestores estaduais e municipais, que preferem receber o financiamento da união e aplicar nos programas e não investem na constituição de ações permanentes na escola”. Continuou “não se pode negar a importância desse financiamento da união, até porque ele é obrigatório por lei”. “Em relação à integração curricular entre formação geral e profissional, proposta na meta 15, como exemplo o Projovem e o Proeja, é preciso ter cuidado com o tipo de formação proposta nestes programas. Há dois anos o governo nacional aprovou o Pronatec, um programa de grande investimento para o Sistema S e para a rede estadual. O risco desses programas é o foco na formação aligeirada de 160 horas, que não inclui a formação integral na sociologia, na filosofia na história que nos possibilita pensar e entender o mundo e sua relação com o trabalho para além dessa visão única do capital”. “Vivemos no Brasil, na atualidade, um momento ímpar de crescimento econômico; no entanto, consumimos mais bens que não possibilitam o crescimento cultural”. “Para que tipo de escola nossos alunos estão retornando?” E continuou “Esses programas se preocupam mais com a execução de verbas do que com os resultados. Além disso, é preciso compreender as especificidades de cada localidade”.

“A EJA deveria ter uma avaliação diferenciada no Ideb. Não é justo submeter os adultos a avaliações pertinentes às crianças ditas “normais”, pois são alunos oriundos da política nacional de inclusão. É preciso estar atento também para as metas para o ensino superior, pois é no ensino superior que os professores se formam, em sua maioria sem acesso a essa formação para atuar com EJA; a evasão dos alunos também precisa ser repensada durante a formação de professores”. Em acordo com a plenária, seguiu-se a exposição participativa com intervenções dos participantes com perguntas e questões.

“Quem é a sociedade civil”? “A sociedade civil numa concepção Gramsciana de educação, não se reduz aos políticos, ela é composta pelas pessoas, os professores, os alunos, os empresários”. “A educação profissional no Brasil tem um histórico de constituição empresarial, privada. O fazer público é diferente do interesse de formação privada que obedece a lógica do lucro e do eficientismo do capital”.

“A discussão com o Sistema S é precária, assim como o Projovem com professores de contrato temporário somente durante a vigência dos programas”. “Em relação ao Fundef, os alunos da EJA foram excluídos do financiamento”. “Mesmo com o Fundeb, os alunos da EJA têm um valor de financiamento inferior ao das crianças do fundamental”. “É notório que o problema de evasão/busca dos alunos modifica a relação do professor da EJA que é encarecido pelo valor diferenciado, sem contar a questão da ausência de recursos pedagógicos”.

Realidade atual – PNE 2011-2020.

Segundo Margarida Machado, “desde 2003, os movimentos de luta pela educação começaram a pressionar, o governo em relação à avaliação do PNE anterior. O movimento da EJA esteve apático nesta mobilização”. Afirma, ainda que “é preciso agir nessa mobilização, senão o movimento não terá continuidade. É preciso recorrer ao que já está pronto, aos documentos e pesquisas já realizadas em relação à EJA para estudar e estar atualizado em relação às temáticas em debate. A Conae 2010 propõe a realização de conferências a cada 4 anos. Para discutir as questões pertinentes a educação. o texto elaborado na Conae não se espelha no projeto de lei 8.035/2010; as propostas do projeto de lei são totalmente diferentes do que foi proposto na Conferência. O PNE 2011-2020 foi mais uma vez vítima da contradição em relação ao que foi proposto na Conae, tanto que apresentou 2.915 emendas e acabou por ficar sem a inclusão das propostas da sociedade civil. O PNE 2011-2020 apresenta grandes erros

que evidenciam o equívoco conceitual em relação à educação. Se a luta pela alfabetização contemplasse a erradicação do analfabetismo, não teríamos 10 milhões de analfabetos no Brasil. O próprio termo erradicação está destoante dos demais que propõe superação, valorização. “Freire (1981) faz uma crítica ao termo “erradicação do analfabetismo”, evidenciando o quanto esse termo desvaloriza a sociedade, demonstrando a incapacidade do povo em aprender. Em relação a meta 8, essa meta exclui a população acima de 24 anos da escolarização. As metas propostas devem ser mais abertas para instituir o direito que já é de todos. A meta 9 traz de volta o termo ‘erradicação’”. Prossegue questionando “como é possível cumprir com essa meta sem um plano, um projeto, uma diretriz que estabeleça as normas para a EJA? Quando se fala de educação profissional, é preciso pensar o que significa esse termo para concebê-lo como uma formação que contempla o aprendizado para o mundo do trabalho. É preciso que os alunos vejam nos módulos uma contextualização do ensino com a realidade vivenciada. A lei complementar nº 26/1998 cria o Fórum Estadual de Educação. O fórum estadual precisa ter autonomia em relação ao conselho estadual e secretaria de educação estadual; é um órgão estratégico de mobilização que não tem financiamento; é um órgão consultivo. O Fórum Goiano de EJA não tem assento no fórum estadual de educação, apenas como convidado, assim como o fórum de educação infantil. A formação aligeirada não dá conta do sentido da educação que é formar o sujeito para o exercício pleno da cidadania. A luta pelo PNE perpassa um novo pacto federativo”.

Margarida esclareceu a metodologia para participação da Conae 2014. “Será elaborado um documento até outubro de 2012 para leitura. Esse documento deveria ser lido inicialmente e analisado por professores e alunos que deverão elaborar propostas de correção para encaminhar à conferência”. Destacou que o processo contará com realização de conferências livres e virtuais. Margarida apresentou a documentação, que segundo ela, “será disponibilizada no portal dos Fóruns de EJA, com a representação dos Fóruns, conceito de conferência livre e o cronograma da Conae que já tem data marcada: 17 a 21 de fevereiro de 2014. Para participar da Conae é preciso participar das conferências municipais e estaduais. Essas conferências têm financiamento do governo federal, que será descentralizado pelas Universidades Federais. Esse financiamento não é de decisão exclusiva das universidades, mas do Fórum Estadual”. Ressaltou a importância do currículo na EJA afirmando que “o currículo é mais do que se propõe em todas as rodas de trocas de experiências para saber como utilizar as temáticas propostas em sala de aula”. Assim, a expositora encerrou a fala agradecendo a participação de todos e solicitando que entrem no portal dos Fóruns para acessar o material disponível.

Cláudia assumiu a palavra falando da importância de levar as informações apreendidas na mesa para a discussão na escola, do aprofundamento nos estudos e ver acontecer o que está sendo proposto. Fabrício, representante da Uncme, parabenizou a expositora e reiterou a importância de estar atento à questão do financiamento da educação.

Proposições

-Mobilizar a sociedade civil, principalmente professores e gestores municipais a participar da construção das leis, diretrizes e dos planos nacionais, estaduais e municipais e verificar o cumprimento dos mesmos;

- criar estratégias de divulgação das produções existentes a fim de propiciar aos sujeitos reconhecimento de seus direitos, e assim ter maiores condições de participar da construção coletiva das propostas legislativas;

- alterar os artigos da Lei 26/98 que tratam das constituição do fórum estadual de educação para incluir o Fórum Goiano de EJA e o Fórum Goiano de Educação Infantil como membros de direito, com assento permanente;

- os planos municipais de educação precisam contemplar a EJA. É preciso participar para garantir essa contemplação e dizer como contemplar;

- Mobilizar os Fóruns Estaduais de educação e suas entidades participantes a ocupar um espaço nos Fóruns Nacionais de Educação. Em respeito ao presidente do CEE - não é atribuição deste convocar reuniões para tratar de Conae, isso é atribuição do Fórum Estadual de Educação (FEE) - quem coordenará a Conae 2014 será os Fóruns Estaduais de Educação e não os Conselhos de Educação e secretarias. Temos que ocupar um espaço nos Fóruns Nacionais de Educação. O FEE não pode ser um órgão da secretaria de Estado da Educação;

- Não abrir mão do uso das tecnologias na mobilização em prol da EJA;

- Implementar a cultura de participação no Fórum Estadual de Educação;

-A partir dos Fóruns Regionais, realizar encontros temáticos para estudar e discutir a questão da Conae e do PNE, do PME, PEE.

Desafios atuais

1. Acompanhar a tramitação do PNE no congresso;
2. Avaliar o PEE/GO – é tarefa dos participantes acessar os documentos e participar dessa avaliação. O fórum serve para apoiar o sistema de ensino e contribuir para a superação e redução dos erros nas decisões educacionais;
3. Elaborar/Avaliar os PMEs;
4. Participar ativamente da Conae/2014.

Questão para plenária final

- 1- Individualmente, todos devem acessar os documentos até o próximo ano. A estimativa de pessoas que conhecem o PEE ultrapassar o quantitativo desse ano;
- 2- Deliberar que o Fórum Goiano de EJA faça parte do Fórum Estadual;
- 3- Participar ativamente da Conae 2014, passando pelas conferências municipais e tentando nomear delegados para participar da Conferência.

A Mesa: **Contribuições da Educação Popular para a permanência dos educandos na EJA** teve como expositores: a professora Alda Maria Borges Cunha (PUC Goiás); Pedro Ferreira Nunes (Recid); a professora Márcia Pereira Melo (SME-Goiânia); Relatora Dinorá de Castro Gomes (Fórum Goiano de EJA); Coordenadora Arilene Martins de Sousa (Recid).

A professora Alda fez resgate da história da Educação Popular (EP) a partir da década de 60, ressaltando o analfabetismo como um marco do subdesenvolvimento do país e como entrave para o desenvolvimento, olhares e ações voltadas para diminuir o índice de analfabetismo e surgimento dos movimentos: MCP, CPC, MEB, a Educação Popular. Continuou afirmando que “a Educação Popular não é integrar, ajustar, modernizar, reordenar. Tampouco requer uma participação subalterna com ações para o povo, num caráter compensatório, de suplência ou limitada à sala de aula. A Educação Popular é um instrumento político de conscientização e politização. Ela estabelece vínculos entre a aquisição do saber e o projeto social transformador. A Educação Popular é uma forma de crescimento conjunto; é uma forma de organização e mobilização. O saber é articulado ao poder. A aquisição do saber como princípio transformador, que acontece em espaços fora da sala de aula. Posteriormente a EP acontecerá nos espaços das escolas, das redes oficiais de educação. Ela pode ocupar

tanto o espaço escolar como os demais espaços pedagógicos. Dentro da contradição da sociedade, situações diversas vão surgindo, ambiental, de gênero, movimentos sociais, etc. e trazendo novos desafios para os dias atuais. A Educação Popular hoje reafirma a sua essência, proporcionando o fortalecimento do poder popular através da construção de um saber de classe”.

O expositor Pedro Ferreira Nunes apresenta as experiências desenvolvidas pela Recid. “Trata-se de um trabalho de formação de base para atuação nos movimentos populares. Como atuação direta nas comunidades dos movimentos, a Recid realiza oficinas nas comunidades a partir das situações vividas. A Educação Popular tem sido utilizada como uma ferramenta para a formação e participação. A formação é teoria e prática. Não somos contra a educação formal, mas nos opomos à lógica da educação que prevalece hoje, uma lógica excludente, onde poucos têm lugar garantido na sociedade. Percebe-se a necessidade de formação política para a permanência da tensão na busca da construção de uma sociedade melhor e mais justa para todos”.

A seguinte palestrante Márcia Pereira Melo expõe a partir de seu lugar de atuação dentro da SME. A professora Márcia é coordenadora do Programa AJA-Expansão de Alfabetização de Adultos da SME de Goiânia. A Educação Popular vista por ela como uma postura diante da própria vida. “A EP não é construída “para”, mas “junto com” os educandos”. A sua fala sobre EP é proveniente da experiência no AJA-Expansão. “O AJA Expansão se dá por meio de formação com os educadores populares. Esses educadores são fundamentais para o desenvolvimento do processo de alfabetização, por isso é priorizado que eles sejam membros da comunidade. Goiânia hoje tem um índice de 3,4% de adultos analfabetos, um dos menores percentuais do país. Acima de 60 anos, o índice de Goiânia é de 12%, enquanto no estado é de quase 50%. O AJA-Expansão atende hoje em 80 espaços, com mais de 30 instâncias diferentes. Nem tudo é do jeito que gostaríamos, no ensino do formal, há uma engrenagem difícil com a qual temos de lidar, o que dificulta a garantia de um trabalho de qualidade que possa contribuir mais efetivamente com a permanência dos educandos”. Marcos Aurélio, diretor de escola na Cidade Ocidental trabalha há 8 anos na EJA. Ele manifesta sua preocupação com a evasão dos educandos de EJA e com a questão geracional de termos adultos, idosos e jovens na mesma sala. Acrescenta que “os jovens dificultam, têm atitudes difíceis”. E sugere uma EJA para jovens e formação do professor. Outro educador utiliza o argumento que o professor esgotado, não tem condições de preparar uma aula adequada para a EJA, de buscar metodologia adequada. A Prof^a Virgínia, Secretária Municipal de Educação de Anápolis, quis saber como a EP pode contribuir com o seu trabalho como secretária municipal a fim de orientá-la para uma atuação profícua junto à formação dos educadores de EJA. Em seguida, a Prof^a Vilma deu um depoimento sobre a possibilidade de fazer um trabalho adequado para o atendimento dos alunos da EJA com produção cultural, comidas típicas, atletismo, xadrez e dama, problematizando situações sociais. Leandro, mestrando em educação da UFG, pesquisador do CMV, disse “a escola pública tem suas limitações, mas tem a possibilidade de fazer algo de diferente que possa romper com a lógica dominante e fazer um atendimento que caminhe em direção a um atendimento de qualidade e transformador”. Josefa comentou sobre a escola com grande número de jovens e a impaciência desses jovens com relação aos idosos/adultos. Afirmou “Os idosos ameaçam abandonar os estudos”. Novamente Leandro indaga: “Qual o lugar que o jovem ocupa na sociedade”? E propõe uma moção de fortalecimento do Programa AJA-Expansão, “pois este possui um viés transformador e é uma ação da SME de Goiânia que está se enfraquecendo, perdendo sua força pela falta de incentivo da própria SME”. Pedro ressalta que “adultos e jovens precisam de um conjunto de serviços: saúde,

transporte, casa, reflexão e luta”. Márcia propõe levar a moção para a plenária final e afirma a importância de fortalecer a SME nos projetos antes assumidos. Ediléia – coordenadora de Valparaíso lembrou da frustração do professor que foca no jovem e separa os adultos e os jovens. Afirma “o adulto é mais receptivo, enquanto o jovem é mais rápido”. Isabel – DEF-AJA/SME enumerou 86 escolas da SME atendendo na EAJA. Ressaltou que “os jovens e os adultos são trabalhadores precisamos buscar um entendimento entre jovens e adultos na sala de aula, fazer uma formação para a compreensão de que todos envelhecemos, de que precisamos ter o direito ao envelhecer com respeito e dignidade. É necessária fazer a interação entre os diferentes grupos geracionais, abrir espaços de discussão e parcerias são imprescindíveis para o atendimento aos portadores de necessidades especiais”. Adenaildes, professora em Valparaíso, levanta a questão da diferença de geração na mesma sala de aula.

Preparação de encaminhamento:

Moção de repúdio ao descaso do estado com a EJA;

Formação do professor para o atendimento de alunos especiais como tema para o próximo Encontro Estadual do Fórum de EJA;

Moção de apoio ao Projeto AJA-expansão que está em inanição devido à falta de apoio da SME em sua implementação;

Escrever um texto em defesa do AJA-expansão, exigindo formação apropriada e apresentando questões pontuais. A SME de Goiânia não dispõe mais de nenhum recurso para o Programa AJA-Expansão.

Questão para a plenária final

Mesa, “Contribuições da Educação Popular para a permanência dos educandos na EJA”, apresenta como encaminhamento o foco na formação do educador da EJA, contemplando: atendimento ao aluno especial, as relações intergeracionais nas salas de aula, a contribuição da Educação Popular e a juvenilização da EJA.

A mesa “**O trabalho pedagógico na EJA: reflexões, possibilidades e desafios**”, teve como expositores: Sergio Ferro (SME – Goiânia); Esmeraldina Maria dos Santos (SME – Goiânia); Valdenilton Rodrigues Valadão (SER de Iporá/Seduc), ausente. Maria Emilia de Castro Rodrigues (FE – UFG), coordenadora Janaina de Jesus (PUC Goiás). Relator Fábio Pereira Santana (IFGO de Rio Verde).

Na manhã de 18 de maio de 2012, às 08h 44min, a professora Janaína iniciou a reunião cumprimentando os presentes e falando sobre a temática da mesa e a proposta do encontro. Apresentou os convidados que compõem a mesa. Seguiu com as orientações atinentes ao encontro, ressaltando a avaliação, sendo destacada a importância de avaliar o quesito: sentido dos fóruns de EJA, indicando o sentido, conceito e a importância do evento. “Vale à pena? Tem importância? Faz sentido a realização do encontro?”

Em seguida, foi abordado pela professora Maria Emilia, sobre a programação do dia, demonstrando o cronograma do Fórum Regional durante todo o encontro, orientando aos participantes como se inscreverem nas oficinas e o sentido das mesmas. Explicou sobre o evento da noite no Casarão da Cultura e a plenária final do sábado. Falou sobre o livro que será oferecido aos participantes.

Proposta de metodologia da manhã: abrir o primeiro momento com o grupo, fazendo as reflexões sobre o trabalho pedagógico da EJA e como serão direcionadas. A professora Janaína fez a leitura de um poema, no qual refletiu a falta de profissionais e educandos da rede estadual por motivos burocráticos, de forma que foi disponibilizada uma cadeira com uma camiseta do evento simbolizando a falta dos 50, pelo não pagamento das inscrições no evento pela Seduc como havia sido previamente acordado.

Foi franqueada a palavra para os participantes, sendo questionado o seguinte: “o que vocês trazem como desafio para uma discussão como essa”?

O primeiro participante abordou o seguinte: como trabalhar o jovem e o adulto, comparando a situação da Educação Infantil, ressaltando que os adultos (educandos da EJA) não apresentaram interesse para com o evento (na sua abertura). Uma colega complementou com o seguinte: “é difícil trabalhar com esse público”.

Uma participante do IF Goiano alertou: “os professores da EJA sabem que esta modalidade tem um perfil diferenciado, mas, na prática, os professores não lidam com isso, o que acaba por desencadear a evasão escolar”. Como complemento, outro colega disse que a formação de professores no PROEJA apresenta uma séria dificuldade devido ao processo de “infantilização”, e pergunta “qual é a especificidade desse público”? Em seguida, outro colega questionou: “como realizar o trabalho pedagógico nessa modalidade de ensino, no que diz respeito à formação de professores, sendo que os mesmos não apresentam abertura para os encontros de formação, demonstrando desinteresse. São professores que dormem durante a formação, outros vão embora mais cedo, não contribuem com o processo. Ainda, existe um número muito grande de jovens nas salas de EJA. Esses alunos acabarão indo para a Universidade”. “O que fazer? Formar bem o aluno ou facilitar seu progresso nos estudos? Está ocorrendo um fechamento de salas de aulas, o que precisa ser esclarecido pelas políticas públicas”. Uma professora apontou que em doze anos de trabalho com a EJA, preocupa-se por demais com o currículo, com a evasão e a rotatividade de professores. Segundo ela “o tempo é muito curto para trabalhar com todos os conteúdos. Ressaltou que os jovens não têm os mesmos objetivos que os adultos no dia-a-dia da sala de aula e acabam por atrapalhar o andamento”. Na sequência, uma professora explanou sobre a demanda da EJA, de forma que a evasão está aumentando e a demanda não está chegando às escolas. Falou sobre a prática, a formação e o currículo. Em relação à EJA nas prisões, foi salientado por uma participante do evento que não houve participação do Estado em um evento que organiza esse segmento. De tal forma esclareceu que a educação nos presídios deve ser técnica. “O que ocorre é que os reeducandos não se interessam pelos estudos, apenas por sair das celas”. Acusa que esse processo ocorre devido ao não cumprimento das diretrizes, assim, ressaltou que seria necessária uma discussão sobre a formação de professores para esse segmento nas Universidades. Um professor afirmou que por questões econômicas, são efetivados muitos contratos, nos quais, profissionais habilitados em outros componentes curriculares acabam por ministrar aulas que não fazem parte do seu domínio, o que acarreta o desinteresse dos alunos, gerando evasão. A questão é: não é culpa do professor, mas sim, do sistema que não efetiva os profissionais em sua respectiva área de ação pedagógica. A professora Janaína ressaltou a importância de o grupo encontrar uma proposição para ser levada à plenária final. Em continuidade, foi abordada por uma professora a situação heterogênea das salas de aula, pois os jovens acabam por desmotivar os de “mais idade”, e, ainda, que os professores não estão prontos para tal situação. Explanou a necessidade de que os professores da EJA trabalhassem apenas nessa modalidade de ensino. Tudo isso em respeito à situação dos alunos, que veem como resgate a oferta de ensino pelo estado, e, não como direito. Ressaltou: “como fica a qualidade de ensino nessa modalidade? O que o Fórum pode

fazer nesse sentido?” Fez um adendo à falta de participação da Rede Estadual no evento. “O que é conhecimento significativo para esses alunos? “É um aluno diferenciado, e, o que podemos fazer nesse sentido?” Seguindo, uma professora afirmou que é necessária uma mobilização dos professores da EJA, para que se dediquem a essa modalidade e não a vejam como complemento de carga horária, nem como “bico”. Para ela é preciso que ela seja desenvolvida em sua essência. Uma professora que trabalha com o PIBID questionou o fechamento de uma escola e perguntou: “como conscientizar esse público?”

O professor Sérgio interveio na discussão, ressaltando a importância dos questionamentos. Leu um poema de Thiago Melo. Orientou a não chamarmos de alunos aqueles que frequentam salas de EJA, pois aluno é aquele que não tem luz. “O que aconteceu com esse conhecimento que não liberta?” Questionou o professor. “É preciso nos formar politicamente para reivindicarmos uma educação de verdade”. Refletiu sobre a questão política, falou da ficha limpa, ressaltou Demóstenes Torres, e perguntou: “quantas vezes nós contaríamos nossa própria palavra?” Disse que é necessária uma ação que gere embate, reflexões, discussões. Continuou refletindo sua ação no ambiente escolar, sobre o chão da escola, sobre a função do professor. “Em detrimento do ensino estendem sua carga horária, e, devido ao excesso de trabalho, muitos deixam de cumprir suas obrigações profissionais”. Em relação ao apoio, foi dito por ele que os professores têm preguiça de ler. “Como fazer isso com três turnos de trabalho? Mas, que isso deveria acontecer”. Citou o professor Libâneo no que diz respeito ao domínio de conteúdo do professor perante os alunos. “Como repassar aprendizagem se não estão bem formados? Falta compromisso por parte dos professores”. Para ele 55% por cento do que se faz constitui a ação, 38% pela fala. Por sermos seres incompletos, deixamos de cumprir com alguns atributos. Continuou salientando “a falta de compromisso, o excesso de trabalho e deixamos o sentido maior de nossa vida de sermos professores. O Fórum deve ser um movimento de cobrança”. Falou de sua vivência, que está na rede e percebe que nem todo professor quer investigar sua sala de aula. “Não cumpre sua práxis. Para ele, toda transformação nega uma repetição”. Disse que somos uma sociedade de respostas prontas. Ressaltou que existe uma grande clientela, mas que esta não está buscando a escola. “Assim, a escola deve ir ao aluno, buscá-lo e contribuir com sua formação política. Como fazer para mobilizar?” De acordo com ele, o sentido do Fórum é denunciar, é ser um parceiro.

A professora Esmeraldina iniciou sua fala, abordando o Fórum e suas possibilidades. Para ela, nesse momento não se tem respostas para as indagações, mas que elas podem ser suscitadas nesses encontros. Falou da angústia de mobilizar, do compromisso, da sobrecarga de trabalho do professor, afirmando que ela é muito grande, mas que essa não pode ser uma premissa que justifique a falta de compromisso. Explanou o compromisso político da ação pedagógica. Em relação ao direito do aluno, esclareceu que apresenta esse sentimento de gratidão, não de direito social. Falou sobre a história de vida dos alunos e problematizou essa situação. “Será que o desinteresse inicial do encontro, em relação aos alunos, não se deu pela nossa incapacidade de alcançarmos os educandos?” “Quantas vezes esses educandos foram ouvidos?” “Qual é a metodologia que mais se aproxima do aprendizado dos alunos?” Para ela, este pode ser o motivo de seu desinteresse. De acordo com ela, essa é uma perspectiva que deveria ser atendida por nós, educadores. Dessa forma, “se tomarmos a EJA como direito, atenderemos às necessidades dos alunos.” “Entendendo que os anseios deles são diferentes, como “tirar” uma CNH, adentrar para uma Universidade, ou seja, o ponto de partida é a diversidade (são das camadas populares, e esse é um ponto de aproximação dentre eles) e isso deve ser levado em conta na idealização de nossa proposta

pedagógica.” Citou Paulo Freire ao refletir “por que a escola não se aproxima mais dos movimentos sociais?” “São muitas as indagações, mas é partindo da realidade dos alunos que podemos estabelecer uma ação pedagógica bem sucedida.” Para ela, em nenhum momento os trabalhadores fizeram parte do processo educacional, das discussões, plenárias. E de alguma forma, a escola pode buscar a superação da realidade “posta”. A postura do professor é muito importante. Em 2005, a Universidade assumiu a responsabilidade de inserir-se na formação de professores a EJA, no entanto, isso não foi efetivado. Falta articulação com os sindicatos. O desafio é: enfrentar politicamente as dificuldades impostas pelo sistema. Mudando um pouco o foco, ela ressaltou os momentos de reflexões (estudos) dos professores da rede municipal e estadual (encontros pedagógicos, bimestralização de conteúdos), de forma que o professor não percebe este como um momento de aprofundamento. Acentuou a crítica no trânsito de professores da educação infantil para a EJA. Complementando, abordou as perspectivas dos alunos e a necessidade de que sejam ouvidas. Ressaltou que é preciso perpassar aos poucos para os alunos a capacidade de exercer autonomamente o exercício crítico de sua cidadania em sala de aula. Afirmou que é preciso debater entre nós (participantes do Fórum) todas as questões pertinentes à EJA. Finalizou dizendo que é preciso trabalhar no coletivo para que encontremos melhores alternativas.

Às 10h 23 foi feita uma pausa para a organização dos slides da professora Maria Emilia de Castro Rodrigues e para o relaxamento físico dos congressistas.

Às 10h 31 foi retomada a discussão.

A professora falou sobre o portal, sua estruturação, perspectivas e possibilidades. (Slides).

Início: 10h33min

Fechamento dos slides: 11h16min

Nesse momento, foi aberta a discussão sobre a proposição a ser levada à plenária. Algumas sugestões foram citadas pela representação do Fórum e outras pelos participantes do evento.

Foi abordada a questão do papel político do professor e sua formação.

Uma participante abordou a formação docente dentro do processo político.

Um congressista partiu da análise da força religiosa dentro da escola, assim como levantou questões acerca de como se respeitar os conhecimentos dos alunos em sala, sendo que alguns não detêm o mínimo possível. Complementando seu pensamento, ressaltou a falta de diálogo entre coordenadores e professores. Acredita que a proposta do tema gerador não é dominada pelo professor, sendo que esta mesma rede também não domina tal conhecimento. Indagou “Como tornar esse professor um profissional docente capacitado?” Desde a aceitação de seu compromisso, citou que o professor não se vê como parte integrante da classe trabalhadora, nem em greves, e muito menos na participação em congressos e cursos que promovam sua própria capacitação.

Uma professora integrante da mesa ressaltou a importância de: “como problematizar o professor? Seu ativismo, o desinteresse e a inércia?” Dando sequência à reflexão, uma participante afirmou que em um debate público, o Ministro da Educação disse que a classe docente trabalha em prol da classe “pobre” do país, e isso precisa mudar. A mesma, indignada, disse ser parte dessa classe. Para ela, o professor, enquanto educador, precisa mostrar ao aluno suas condições de ascensão social, mesmo com suas limitações, impostas pelo sistema educacional. Outra participante pediu a palavra e ressaltou: “qual é a formação que deve ser possibilitada? Esta deve ser apontada nos embates do Fórum.” Retomando a palavra, uma professora da mesa redirecionou as idéias, buscando rerepresentar uma proposição. Conforme a decisão do grupo serão

lidos, na plenária final, os dois poemas do início das falas, assim como será estruturada a proposição final do grupo em conjunto com alguns congressistas voluntários.

Participaram da mesa de discussões: 38 pessoas

Na tarde do dia 18/06 das 14h às 16h foram realizadas encontros com os fóruns onde se discutiram as demandas e encaminhamentos dos regionais.

Reunião dos Fóruns

Fórum Metropolitano de EJA

- O Fórum pode ajudar as secretarias, trazendo diretrizes e ideias que ajudem a tomadas de decisões;
- Importância de que o Fórum seja realizado nas escolas, em encontros descentralizados;
- Compreende-se região metropolitana as cidades de: Goiânia, Uruaçu, Aparecida de Goiânia, Senador Canedo, Caldazinha;
- Em Goiânia, participam do Fórum pessoas vinculadas seguintes instituições: Secretaria Municipal de Educação (Gestores e professores), UEG, IFG, UFG, PUC- GO (professores e acadêmicos), Conselhos Municipais, movimentos sociais;
- É importante que o PROEJA seja uma política pública, com continuidade, o que igualmente deveria acontecer com o PRONATEC e a própria EJA, a partir de uma discussão curricular;
- Para que exista política pública de sustentabilidade, segundo a realidade do país, alinhando o PROEJA para o mundo do trabalho, e não para o mercado de trabalho;
- "Será que quando a educação popular virar política pública teremos a autonomia de hoje?"
- Debate sobre formação tecnicista e omnilateral;
- "Como se deve trabalhar a EJA atendendo a necessidade de cada município?" (Senador Canedo, reclama da distância entre EJA e PROEJA);
- Garantir uma política pública que valorize o professor em sua formação e também em questão salarial;
- No sistema "S" existe uma maior evasão de educandos por falta de conhecimento da EJA, dos seus atores e suas metodologias;
- Atendimento desigual entre diurno e noturno;
- Ampliar relação com projetos da área da saúde.

Proposições:

- Fazer uma discussão ampla sobre o mundo do trabalho, que deve passar sobre a questão da educação profissional e os educandos da EJA (currículo integrado). "Politecnicidade"? - (possibilidade realizar um seminário no IFG);
- Esclarecimento para os membros do Fórum Metropolitano sobre o funcionamento do PROEJA em relação ao princípio curricular e a viabilidade de implementação. "Serve como referência? Como modelo?";
- O IFG receberá verba de 3 milhões para Pronatec. Trata-se de uma política do governo Dilma, onde o Sistema "S" também terá milhões dessa verba. É importante que o Fórum discuta essa questão e se posicione a respeito de verba

- pública para instituições privadas;
- O PRONERA pode servir de subsídio para estudo sobre o trabalho com a educação de jovens e adultos, pois é implementado junto com os movimentos sociais, com relativa autonomia curricular e metodológica e se tornou uma política permanente (recursos da economia solidária);
 - Participar da audiência com o Conselho Estadual de Educação e Ministério Público sobre o anteprojeto de Lei de educação do campo, no dia 1 de Junho no palácio Pedro Ludovico;
 - Sugestão que o horário de estudo dos professores de Goiânia possa ser utilizado como momento de estudo e reuniões do Fórum.

Fórum do Entorno Sul

Data 18/05/2012 – Período Vespertino

Iniciamos a reunião fazendo a leitura compartilhada da carta síntese do X Encontro Estadual do Fórum Goiano de EJA. Logo após, foi aberta uma discussão na qual cada pessoa apresentava sua opinião. O diretor Marcos falou que a evasão é um dos problemas mais agravantes na Educação de Jovens e Adultos. A professora Maria de Lourdes falou da importância da formação continuada para os professores da EJA. Os participantes chegaram ao consenso que a carta síntese do último encontro contempla todos os anseios dos profissionais que atuam nessa modalidade de ensino. Ficou acordado, então, dois possíveis temas para serem trabalhados no Fórum do Entorno Sul que acontecerá em setembro.

Os temas são:

- * O que fazer para minimizar a rotatividade de ingresso do educando da EJA?
- * A permanência e o tempo de escolaridade do educando da/na EJA.

Fórum das Águas

O Fórum tem início com a fala da Prof.^a Maria Margarida, solicitando as pessoas para pegarem os textos dados pela manhã: Carta síntese do X Encontro do Fórum Goiano Educação de Jovens e adultos, estabelecendo o foco das lutas para este ano. Dinorá segue, dando as primeiras orientações sobre a leitura solicitada, chamando atenção para o tema do X Encontro, explicando sobre a síntese da leitura e perguntando com quais propostas o fórum das águas se identifica e se compromete em implementá-las no decorrer do ano. Levantadas e escolhidas as proposições ficou o compromisso do coletivo presente em assumi-las. Dinorá dá início à leitura, sendo seguida pelos demais participantes. Sugestão de encaminhamento da Dinorá: fazer a leitura, podendo ser pontuada pelos participantes, com dúvidas ou sugestões, ou levantamento dos objetivos a serem seguidos pelo fórum.

A leitura é retomada por Dinorá, por sugestão da mesma. Ela aponta o texto enquanto síntese dos demais encontros passados. Surge uma interferência de um participante a respeito do porquê de EJA e Proeja. Dinorá explica, dizendo que o Proeja tem ligações com o ensino profissional, amparado por lei, e destina-se a toda educação básica, tendo início em Goiânia nos demais segmentos, como Proeja FIC. Segue a leitura sobre formação profissional e humana como um todo, cita o sistema S, que apresenta a formação profissionalizante, o Proeja, que propõe uma formação integral, visando o ser humano. O Sistema S apresenta preocupação apenas com o profissionalismo, a visão maior das relações sociais é o diferencial do Proeja. Aponta as diferenças entre o Proeja e o ensino privado, citando o sistema S. Raniere interfere na fala apontando como exemplo o Pronatec, como intervenção do privado na instancia

pública. Luta pela verba pública para instituição pública, como objetivo de luta do Fórum das Águas. Dinorá tenta localizar, junto aos participantes, alguns exemplos de verbas públicas a serviço do privado na Região das águas. Dinorá aponta a necessidade de mobilização dos participantes enquanto forma de luta. Há outra Interferência do participante, apontando a falta de organização dos professores, que se torna um obstáculo para atingir os objetivos de EJA. Outro participante aponta o movimento da EJA, como um movimento fraco. Dinorá interfere, dizendo que o movimento tem representatividade Nacional. A leitura segue com apontamentos da LDB, e EJA, enquanto ensino fragmentado. A participante interfere, chamando atenção sobre a dispersão dos demais participantes, de fazer má votação sobre os itens que devem permanecer na luta ou não.

Dinorá interrompe a leitura chamando atenção para o item de organização de projeto de EJA, retirando o caráter de aligeiramento. Jesiel complementa que a proposta contida no item é diferenciada e o aligeiramento deve ser evitado nas propostas de EJA. Dinorá destaca alguns exemplos de projetos da SME de Goiânia que obtiveram resultados positivos, sem perder o caráter de suplência, afastando o aligeiramento, destacando a importância da manutenção do item como proposta de luta. Dinorá interrompe a leitura, propondo que no final da leitura, aponte-se apenas uma proposta dentro das demais mantidas, para que se tenha um foco prioritário como objetivo a ser alcançado. A leitura é interrompida por um participante, apontando a necessidade da licenciatura permanente e a extensão da experiência da UFG (Pedagogia da Terra), também para a UEG, como ponto a ser alterado no documento. Dinorá recorda que o documento não pode ser mudado, porém a reivindicação pode ser uma proposta a ser levada para plenária no sábado. Parada na leitura para o item “não transferir alunos problemas do diurno para o noturno,” seguido de debates. A leitura é finalizada e segue a votação por um item a ser escolhido em consenso pelo coletivo do Fórum das Águas. Segue a leitura dos destaques, sendo escolhida: garantir uma política pública de EJA, onde a formação do professor contemple também, a elaboração de materiais didáticos. Finaliza a seção, mantendo o compromisso apontado.

Fórum dos Grãos

Proposições

Realização do Fórum de Grãos, na cidade de Rio Verde, prevista para a data 10/08/2012;

Elencar as discussões aqui estabelecidas para que possamos definir nossas proposições, de acordo com nossa realidade;

Em relação à Carta Síntese do X Encontro do Fórum Goiano de Educação de Jovens e Adultos, nos detemos em analisar com mais propriedade os seguintes temas:

Formação Inicial e Continuada de professores de EJA – estabelecer parcerias entre as instituições: Secretaria Municipal e Estadual, Instituto Federal e Universidades, assim como segmentos sociais;

Material Didático – assegurar a construção de material didático regional e específico ao público da EJA;

E, como aspecto principal, a diminuição da evasão escolar em todas as etapas de ensino de EJA.

Participaram da reunião: 09 pessoas

Representantes:

Rio Verde – Secretaria Municipal de Educação, Esporte e Lazer (SMEEL), Subsecretaria Regional de Rio Verde (SRE) e Instituto Federal Goiano (IF Goiano);

Piranhas – Secretaria Municipal de Educação;

Quirinópolis - Secretaria Municipal de Educação.

Obs: A SRE de Iporá, representada pela Subcoordenadora Valéria Mateus Isac, não esteve presente na reunião devido ao não pagamento das diárias pela Secretaria Estadual de Educação, sendo que a mesma já se encontrava alojada nas dependências do Ecologic Park Hotel.

Após reunião dos fóruns foram realizadas as oficinas/trocas de experiências com destaques para vários temas:

Troca de experiência: EJA nas prisões

Convidada: Nilva Ferreira Ribeiro

Apresentação da professora, primeiras instruções, lista de contatos; resgate da memória da oficina do ano passado; apresentação dos participantes, interesse pela oficina. Nilva faz a apresentação da oficina explanando sobre o porquê da escolha do tema, qual educação existe nas prisões, a formação educacional e profissional dos apenados, internados, egressos e formação do professor que atua neste ambiente. Apresenta a estrutura e formato da escola no presídio, verbas e orçamentos patrocinados pelo FUPEN - que na maioria das vezes depende da vontade política dos governantes; relação do ensino no presídio com o trabalho, e a necessidade desta relação para a inserção social fora da prisão; comentários dos participantes sobre a exclusão social existente em relação aos ex-presidiários, e a dificuldade encontrada por eles no retorno a vida social. Nilva aponta que a questão é de movimento circular, onde a maior dificuldade é quebrar o elo com mundo do crime. Os alunos concordam com a afirmação e seguem com exemplos de alunos que se enquadram nesta perspectiva, ressaltando a importância do apoio social que deve ser dado a estes. Nilva segue apresentando o FUNPEN suas características, funções e origem da verba disponibilizada. Segue com o DEPEN, que é o registro do quantitativo da população carcerária; descrição do estabelecimento prisional; organização da administração do sistema; característica da população penitenciária; dados sobre a educação informada e registrada com o número de analfabetos, semialfabetizados, ensino fundamental, médio e superior completo e incompleto; grau de instrução, continuação e permanência no sistema de ensino. Os alunos apresentam exemplos de alunos que conseguiram alcançar o ensino superior e outros que estão cursando pelo ensino a distância. A oficina segue com Nilva apontando que a educação ofertada é mínima, e não respalda o reeducando ao mundo social; apresenta programas como laboterapia, externos e internos, e a necessidade de expansão da oferta de trabalho e escolarização; Lei de execução penal nº 7. 210 de 11/07/1984. A proposta de educação prisional deveria possibilitar instrução escolar e formação profissional do preso e do internado, devendo a EJA ser adequada ao ensino prisional.

O professor Derico intervém, apontando as normas de segurança a serem seguidas pelos professores. Nilva complementa e reforça as normas a serem seguidas; destaca alguns artigos da Lei, Art. 19, 20, 21, seguido do debate dos mesmos com exemplos apresentados pelos participantes. São mostrados dados sobre o programa de laboterapia, e de parcerias desenvolvidas; sugestões de como incluir o preso no mundo do trabalho após-reclusão; eventos sobre educação prisional estados/municípios, orientando o Plano Estadual de Educação nas Prisões e em nível local o Plano Estratégico da Educação no Âmbito do Sistema Prisional (PEESP) e seus objetivos. Ainda, Nilva aponta a necessidade da ação efetiva do Estado na educação prisional e faz reflexão sobre a importância da educação na transformação da mudança e vida dos

presos. Nilva encerra a oficina, perguntando sobre sugestões e dúvidas a serem esclarecidas e propostas a serem apresentados pelos participantes. Os participantes não apresentam propostas, e Nilva encerra a oficina às 18h.

Troca de experiência: Educação Física na EJA

Convidado: Gleyson Rios

Foi realizada a oficina Educação Física na EJA com intuito de trocas de experiências e encaminhamentos. Na oportunidade, os participantes relataram a prática pedagógica nas aulas de Educação Física na EJA, os desafios, limites, contradições e avanços.

O professor Gleyson Rios, mediador da oficina, apresentou duas experiências na EAJA, o qual ministrou nas aulas de Educação Física em 2011. Externalizou que o grande desafio é as aulas de Educação Física no Primeiro Segmento. “Que papel o professor deverá assumir na EAJA? Qual o projeto deverá ser contemplado?”

Vivenciamos uma dinâmica (música, pandeiro e dança) que teve como objetivo refletir e fortalecer a identidade dos educandos da EAJA com uma situação de exposição e expressão corporal.

Gleyson expôs a concepção crítica da Educação Física e ressaltou que a prática corporal leva a um aprendizado. Conceituou a Educação Física como componente curricular obrigatório. Refletiu sobre o processo de ensino e aprendizagem para o mundo do trabalho a partir do conhecimento do educando e do professor por meio de experiências da prática social inicial. Sugeriu trabalhar com conteúdos estruturantes. O ensinar o conceito sócio-histórico das práticas corporais. Expôs a vivência que teve com a dança nas aulas ministradas. O envolvimento e a participação são fundamentais nas aulas. A relação professor e educando na aprendizagem é significativo para o conhecimento. É preciso pensar no conhecimento amplo, articulado com o contexto histórico, social e cultural.

Proposta:

- Ação política do Fórum de construir juntos às Secretarias de Educação momento de formação continuada;
- Ampliar os momentos de discussões da Educação Física a partir do Fórum Goiano de EJA;
- Articular com os professores de Educação Física da EJA momentos para compartilhar material didático, experiências na área de Educação Física;
- Garantir a paridade dos componentes curriculares.

Neste sentido, o papel da Educação Física ultrapassa o ensino de esporte, ginástica, jogos, danças, atividades rítmicas e expressivas e o conhecimento sobre o próprio corpo, em seus fundamentos, técnicas e organização, e inclui também os seus valores subjacentes, ou seja, quais atitudes os alunos devem ter nas e para as atividades corporais. E, finalmente, busca garantir o direito do aluno de saber por que está realizando este ou aquele movimento, isto é, quais conceitos estão ligados àqueles procedimentos, relacionando principalmente com o mundo do trabalho e a influência da mídia na construção da corporeidade.

A Educação Física, por sua vez, merece atenção nessa instituição, pois, foram percebidas ações que comprometem a qualidade das aulas, focalizando tanto o trato pedagógico como o administrativo, desvalorizando essa área do conhecimento, que é um componente curricular importante para a comunidade escolar. O professor de

educação física na escola deve estar sempre bem atualizado sobre os acontecimentos da escola e da sociedade como um todo. Faz-se necessário que o professor participe das reuniões pedagógicas, selecionando os conteúdos e participando ativamente da construção do Projeto Político Pedagógico, trazendo todo o seu conhecimento para somar e acrescentar junto com os demais profissionais. A Educação Física escolar deve interagir com as demais disciplinas, em todas as iniciativas que oportunizem a produção e a socialização do conhecimento, a partir de interesses transformadores. Conclui-se que, para alcançar tais objetivos, é necessário fazer investimentos na formação continuada do professor e em atividades que contribuam com a produção de novos significados por parte de alunos e funcionários em relação à educação física.

Troca de Experiência: Material Didático

Convidada: Dinorá Gomes

- Qual o entendimento de educação de adultos que temos? (concepção)
- Material didático não é apenas o livro didático. Fato que não deve ser esquecido, pois, o fundamental é a construção conjunta, trazendo o mundo do adulto para dentro da escola;
- “A leitura do mundo vem antes da leitura da palavra” - Paulo Freire;
- O personagem Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, caracteriza uma visão de analfabeto que não é a de Freire;
- "O conhecimento sistematizado pode não mudar a vida, mas muda o olhar sobre o mundo" - professora de EJA;
- Aulas com, o auxílio de tecnologias não são consideradas como processo educativo. Há necessidade de convencer o estudante. "Professor, você não vai dar aula não?" "Aula para o estudante é copiar". “O estudante, quando retorna a sala de aula, deseja a escola tradicional;” " o maior desafio é destruir o conceito de escola que os estudantes têm e isso leva tempo e devido à rotatividade, é o que não temos na EJA";
- O estudante das fases iniciais querem aprender a ler pelos mais diversos motivos: ir ao banco, pegar ônibus, ler a bíblia;
- "Apresentar o plano de ação, a intencionalidade das aulas pode ajudar no processo de aprendizagem;"
- "Não existe receita, isso é construído no dia a dia, na sala de aula;”
- Busca da formação humana integral;
- “O que é currículo para a EJA?”
- O Material didático não está isolado das outras questões da educação de adultos como, por exemplo, da evasão;
- Existem materiais disponibilizados no site do MEC - "Almanaque do Aluá", "Coleção cadernos de EJA", "Coleção para todos" (livros literários);
- Estratégias - aulas de matemática com panfletos de mercado. O estudante não sabe sistematizar a conta, mas faz a operação de maneira mental muito bem;
- Quais são os aspectos sociais dentro dos textos? Trazer as coisas da vida e discutir junto com o estudante.

Propostas:

- Formação continuada do professor voltada para a prática de sala de aula e a construção do material didático, de acordo com as necessidades;
- Pensar material didático específico para a modalidade da EJA, que possa levado para casa.

Oficina/Troca de Experiência: Mundo do trabalho na EJA

Tema: Educação de Jovens e Adultos em Goiás: luta política e pedagógica

Convidados: Mad'Ana Dissirré Ribeiro de Castro; Sebastião Cláudio Barbosa (IFG).

Os convidados iniciaram cumprimentando os presentes e colocando uma pergunta sobre a necessidade de pensar nos motivos que levaram todos a estarem na oficina proposta. Em seguida foi realizada uma apresentação prévia. Mad'Ana falou sinteticamente da sua inserção na educação de Jovens e Adultos, ressaltando a importância do Proeja para o IFG como forma de inserir um grupo de alunos que não fazia parte da respectiva instituição, mas que deveria estar naquele espaço. Sebastião comentou sobre a sua inserção no instituto, ressaltado que sua proximidade com a EJA foi fundamental para situação. Josué ressaltou a sua proximidade com a EJA como prematura, mas relacionou a mesma a sua própria história de vida e o período em que trabalhou na região do bico do papagaio (Tocantins/ Maranhão) como fundamental, pois foi o seu primeiro contato com as perspectivas teóricas de Paulo Freire. Tais experiências foram fundamentais para escolha do objeto de pesquisa que resultou em uma dissertação de mestrado. Desse modo, vê a EJA como a possibilidade possível de se adotar o trabalho como princípio educativo. No entanto, a luta é árdua, pois se relaciona com a busca constante de mudança de estigmas dentro da instituição. O grupo de alunos participantes ressaltaram a importância de momentos para socialização e o quanto os professores têm trabalhado para ajudá-los. Destacaram a necessidade de mudança do curso de Técnico em cozinha, pois ele não abrange a amplitude do curso. Foi ressaltada a diferença conceitual entre mundo do trabalho e mercado do trabalho, para se entender e refletir sobre a nomenclatura do curso. Ressaltou a preocupação do IFG em não torná-lo reducionista ou ancorado simplesmente à lógica de mercado. Nesse ponto, existe a busca pela superação da lógica de mercado, possibilitando aos alunos continuar as superações da realidade concreta, sobretudo após a formação, construindo uma visão mais crítica do mundo do trabalho como algo mais amplo. A expressão do mundo do trabalho foi colocada como forma de superar uma perspectiva individualista. Daí, a ideia e importância do currículo integrado como forma de um novo pensar as condições objetivas, a realidade concreta de muitos trabalhadores, superando assim, a perspectiva individualista e também fragmentada do conhecimento. Outro participante destacou a demanda potencial da EJA e as dificuldades enfrentadas para despertar nos alunos a procura pelos cursos. Ressaltou, ainda, a participação das instituições de ensino superior na busca pela superação de dificuldades encontradas. Indaga os convidados sobre as suas experiências em relação ao currículo integrado, a partir das pesquisas realizadas em torno do Proeja e como isso poderia ajudar os gestores nas secretarias de educação que muitas vezes, ficam alheios a essas informações. Ponderou a relação imediatista do aluno que também é trabalhador e necessita do trabalho para se manter. Mesmo ante essas necessidades, é possível desenvolver uma educação mais ampla, possibilitando aos mesmos reconhecer-se nas atividades realizadas. Daí, a premência, na atualidade, em torno da profissionalização; mas ela sozinha se torna discurso no vazio, por isso, a importância da integração curricular para superar a instrumentalização para determinadas funções. O papel do professor é importante, no entanto, ele precisa conhecer o aluno, suas especificidades, pois, caso contrário, o aluno desiste, mesmo gostando do curso e dos professores. Isso tem a ver com uma relação prática da educação e o cotidiano do educando. Caso isso não ocorra, a proposta estará fadada ao fracasso. Como pensar em um currículo integrado com uma perspectiva de totalidade, quando o discurso colocado é da desintegração que nos mostra as coisas como

desconexa? Porém, na realidade elas se conectam para o bem ou para o mal. Pensar o currículo integrado é pensar a totalidade, a interação, mas isso não se faz sozinho; por outro lado, traz desconforto e necessita reaprender práticas novas de fazer, necessitando sair da zona de conforto em que cada um se encontra e, por conta disso, nem sempre é aceito. É preciso pensar ainda nas condições objetivas, de todas as instituições que acampam a proposta, tem para desenvolvê-las. É preciso pensar ainda até que ponto o foco do desemprego estrutural tem interesse nessa formação, uma vez que coloca para o agente a responsabilidade individual da situação na qual se encontra. A formação precisa mostrar como é o mundo e de que maneira ele funciona. A partir daí, é uma perspectiva de cada um trabalhar para além do contexto familiar. Isso coloca a necessidade da formação integral para superação do eu que se circunscreve no âmbito da casa, visto, porém, como ações coletivas que atingem a maioria da sociedade, quando na realidade não é. A política de integração busca a superação de uma visão reducionista da realidade.

Oficina/Troca de Experiências: Movimentos Sociais/ Economia Solidária

Convidada: Arilene Martins de Sousa (Recid)

Início às 16h50min - Iniciou com atraso, justificado pela professora Janaina.

Educadora da Recid, Arilene, participou da pastoral da juventude, exortou da importância de aprender sobre a economia popular que parte da realidade dos trabalhadores. Após as apresentações dos participantes da oficina, a assessora passou um bloco para que cada integrante escrevesse sobre a economia que temos e a economia que queremos. Ela deu um tempo para que pudessem escrever e em seguida compartilhou as respostas de cada um.

Entre as respostas sobre a economia que temos foram citadas:

- Capitalista competitiva;
- Economia da concorrência, mal distribuída, selvagem, consumista e desigual;
- O povo trabalha para produzir riquezas e a burguesia usufrui do que é produzido;
- Insatisfação global, violência, impotência, pobreza;
- Não inclui os trabalhadores.

Economia que queremos, economia solidária é tudo isso que sonhamos:

- Bem Estar, compartilhada, participativa, igualitária e social democrática, solidária de fato.

A assessora mostrou alguns slides com imagens, mostrando a bolsa de valores, a economia que gera exploração, economia que não gera vida, o governo, os grandes produtores que investem nesse tipo de economia em que a maior parte da população não tem condições de trabalho. Segundo Arilene, vários princípios dão sustentabilidade à economia solidária:

- Comércio justo, consumo consciente;
- Associativismo, autogestão, cooperativismo;
- Respeito pelo meio ambiente, (terra) e lucro compartilhado.

O trabalho coletivo é prioridade da economia solidária. Foi questionado se as pessoas conheciam algum grupo que trabalha com esse tipo de economia. Algumas das respostas foram: Cooperativismo (Catadores de papel, mulheres do bordado, grupo que faz doce de pimenta). Existem algumas prioridades dessa Economia Solidária, entre elas, a formação dos trabalhadores para saber como manusear os produtos, como gerir uma cooperativa. Os fóruns fazem essa discussão, pois têm que ter uma organização para conseguir se manter. A Economia Solidária conta com os Fóruns regionais e

nacionais e alguns municipais. Ainda segundo a Arilene, o governo tem que investir 34% na merenda escolar através da economia familiar. Entretanto, falta financiamento para que a família produza o suficiente para abastecer a escola. O grande problema é que não existe um projeto de lei para que haja recursos financeiros para que esse projeto de fato se efetive; já existe um abaixo assinado para isso.

Algumas pontuações levantadas pelos participantes:

- Quem está no entorno fica abandonado, a situação é crítica, “Goiás não nos quer e o DF não nos aceita”;
- É preciso maior aproximação do Recid com a rede, pois não tem sido valorizado as origens (filhos de trabalhador, por exemplo);
- Os trabalhadores da EAJA geralmente participam de algum Movimento Social. Professores da rede que quisessem experimentar o fazer poderiam realizar um projeto com o tema gerador, com os alunos e todos da escola, com auxílio da Recid; “é um sonho”.

Questões para plenária

- Educadores da Recid devem proporcionar momento de formação com os educadores da rede municipal. (Metodologia freireana).

Oficina/Troca de Experiências: A EJA no Portal dos Fóruns

Coordenação: Meire Cristina Cunha, Danielly Cardoso, Ariadiny Candido

Meire apresentou a página principal do fórum, dialogando com o grupo sobre a importância do portal, destacando os aspectos pedagógico e interativo. Seguiu com a Memória sobre a criação dos fóruns de EJA. Os fóruns foram criados a partir de articulações dentro dos encontros Nacionais de EJA. Nesses encontros foi pensado a respeito da necessidade de criar espaço para as pessoas se comunicarem. Isso foi pensado a partir da necessidade de articular os debates do MOVA e o ENEJA. Na Plenária do ENEJA de 2005, foi pensado um espaço para comunicação, e daí surgiu a ideia do Portal. Desde 2005, se constituiu como portal.

- A perspectiva de constituição do portal é Coletiva, conta com a coordenação nacional em Brasília. Cada estado tem uma equipe que alimenta e desenvolve o portal estadual. O objetivo dos portais estaduais é articular as necessidades de cada estado.
- Ariadiny: Na Plenária final do EREJA saem delegados para ir ao ENEJA. Esses encontros (EREJA e ENEJA) acontecem a cada dois anos para intercalar os encontros.
- Pergunta do Joel, Professor da UEG: De onde vêm os recursos financeiros para a manutenção do portal?
- Meire respondeu que inicialmente os recursos vinham da militância dos estudantes de apreender as novas tecnologias. A partir de 2007 o MEC liberou uma verba que foi importante para a manutenção do portal nacional. O MEC, em 2008, liberou mais verbas para o portal do DF para aquisição de equipamentos. E em 2010 para os portais estaduais e nacional. Também as universidades têm trabalhado com bolsistas de extensão.
- Pergunta: O CMV vai se integrar com os Fóruns?

- Meire responde que “o CMV surgiu no ENEJA, quando perceberam que era necessário criar um espaço para agremiar os acervos do EJA, da Educação Popular e Movimentos sociais. O CMV está hospedado no portal dos Fóruns.” Ela ainda destacou a semelhança do CMV com o Portal como ideia viva, sobretudo no que diz respeito ao aspecto político e militante, acrescentou que não quer fazer um museu, mas construir com estudantes e os movimentos sociais o próprio CMV.
- Danielly apresenta o portal de Goiás. Em Goiás o portal foi iniciado em 2005, é um espaço destinado à divulgação de novos conhecimentos, é um instrumento de mobilização para reivindicação de educação de qualidade na EJA. Danielly segue apresentando o portal do Fórum Goiano desde a primeira tela de 2005 até a atual. Mostra como está organizado o portal e ressalta a importância do envio de materiais pelos professores e movimentos sociais.
- Ariadiny ressalta o desafio de mobilização dos professores da EJA e dos Movimentos Sociais para o fortalecimento do portal.
- Danielly apresentou algumas questões para reflexão: O que falta no portal? Ressalta a importância da divulgação do portal nos fóruns regionais. É preciso que as pessoas acessem para ver o que está faltando. Hoje faltam matérias de sala de aula, entre outros.
- O que tem no Portal?
- Os conteúdos que contêm no site são em maioria textos científicos, teses, dissertações e outros.
- “Como enviar materiais?” Danielly explicou passo a passo para o envio de materiais e destacou a importância de fazer revisão nos textos antes de enviar. Uma vez publicados esses materiais tornam-se públicos, por isso devemos ser zelosos. Os materiais devem ser enviados, pois só os organizadores podem postar.

Oficina/Troca de Experiências: A Educação Fiscal e a EJA

Coordenação: Lucirene Ferreira Santana Gualberto

A coordenadora pedagógica do Grupo de Educação Fiscal Estadual (GEFE/GO), Lucirene Ferreira Santana Gualberto, ministrou oficina para educadores de jovens e adultos no XI Encontro Estadual do Fórum Goiano de EJA, em Caldas Novas. Nessa oficina, a coordenadora falou sobre conteúdos do Programa Nacional de Educação Fiscal, tais como a relação entre Estado e Sociedade e a função social dos tributos.

A oficina foi ministrada para 17 (dezesete) educadores dos municípios de Caldas Novas, Formosa, Valparaíso, Goiânia e Rio Quente. 13 (treze) educadores responderam as fichas de avaliação e, de forma unânime, todos demonstraram curiosidade e interesse sobre o Programa.

A discussão contou com a experiência de vários participantes, os quais atuam nos diversos espaços da educação municipal e estadual. Percebeu-se a importância do debate da educação fiscal na construção da cidadania dos educandos trabalhadores da EJA na expectativa de alcançar a formação humana, concepção que apresentou-se como referência e busca pra a maioria dos participantes da oficina.

Foi indicado que os professores, gestores, coordenadores e educandos da EJA e demais pessoas interessadas na temática, acessem o site <https://educacaofiscalgoias.wordpress.com> onde têm disponibilizado materiais para apoio didático ao trabalho pedagógico sobre Educação Fiscal.

Deliberações da Plenária e Encaminhamentos

Encerra-se o XI Encontro do Fórum Goiano de EJA com uma apresentação cultural do Coral Municipal de Caldas Novas e apresentação do livro: A rima na escola, O verso na História, de Maíra Soares Ferreira, o qual foi doado a cada participante do encontro:

“Este livro é resultado de meu mestrado defendido na faculdade de educação da USP, uma pesquisa que foi financiada pela Fapesp na linha melhoria do ensino público e após a defesa foi premiado pelo ministério da cultura (prêmio Patativa do Assaré). No caso, o prêmio foi a publicação do livro que será distribuído para professores de alguns estados do país, como Goiás, São Paulo e Pernambuco - e outros através dos pontos de cultura do governo.”

Em seguida, a professora Isabel Maria Damaso Bueno fez apresentação da Revista da EAJA/SME-Goiânia. Esta Revista é resultado do trabalho desenvolvido pelos educadores e educandos de Eaja na Rede Municipal de Educação de Goiânia.

INFORMES:

1 - Composição da coordenação colegiada para o período de 2012/2014:

Cláudia Borges da Costa

Esmeraldina Maria dos Santos

Helimar Vieira Moraes

Janaína Cristina de Jesus

Jesiel Simplício da Silva

2 - Recid: “lista de presença” e abaixo-assinado sobre economia solidária (Ana Lucia)

3 – Agenda de compromissos:

– II Encontro Regional de Educação de Jovens e Adultos – EREJA – 23 a 25 de agosto de 2012 – Goiânia (40 vagas por fórum estadual);

- IV Seminário Nacional de Formação de Educadores de EJA – 18 a 20 de setembro – Palmas/TO (10 vagas por fórum estadual);

- XII Encontro do Fórum Goiano de EJA – 2013;

- XIII ENEJA – 19 a 22 de setembro de 2013 – Natal/RN

ENCAMINHAMENTOS/COMPROMISSOS

A plenária aprovou uma moção e uma carta de repúdio:

- Moção de repúdio à Secretaria Estadual de Educação do Estado de Goiás, pelo não pagamento das inscrições de cinquenta educadores e educandos;

- Carta de repúdio à Prefeitura de Goiânia pela redução de investimento no Programa AJA Expansão/ Brasil Alfabetizado.

Mesa 1 – A EJA após 10 anos do PNE, PEE e PME: avanços e desafios

4- Individualmente, todos devem acessar no portal dos fóruns: www.forumeja.org.br/go os documentos relacionados ao Plano Nacional de Educação, Planos Estaduais de Educação e Planos Municipais de Educação. O objetivo é levar esta discussão até os nossos espaços: escolas, movimentos, encontros temáticos, para que no XII Encontro Estadual nosso envolvimento nesta discussão tenha se ampliado.

5- Solicitar a alteração da Lei Complementar nº 26 de 1998, nos artigos que tratam do Fórum Estadual de Educação para incluir o Fórum Goiano de EJA como membro efetivo.

- 6- Participar ativamente da Conae 2014, passando pelas conferências municipais e tentando nomear delegados para participar das conferências estadual e nacional.

Mesa 2 – Contribuições da educação popular para a permanência dos educandos na EJA

– Apresenta como encaminhamento o foco na formação do educador da EJA contemplando:

- atendimento ao aluno especial;
- as relações intergeracionais nas salas de aula;
- a contribuição da concepção de Educação Popular;
- e processo de juvenilização da EJA.

Mesa 3 – O trabalho pedagógico na EJA: reflexões, possibilidades e desafios

Expressões dos diálogos da mesa

NO CAMINHO COM MAIAKOVISKI

Na primeira noite eles se aproximam e roubam uma flor do nosso jardim.
E não dizemos nada.

Na segunda noite, já não se escondem, pisam nas flores, matam nosso cão e não
dizemos nada.

Até que um dia o mais frágil deles entra sozinho em nossa casa, rouba-nos
a luz e como conhece nossos medos, arranca-nos a voz da garganta
e porque não dissemos nada,
já não podemos dizer nada.

VIR A SER

Thiago de Melo

Eu procuro por mim

Eu procuro por tudo o que é meu e que em mim se esconde.

Eu procuro por um saber que ainda não sei, mas que de alguma forma já sabe em mim.

Eu sou assim...

Processo constante de vir a ser.

O que sou e ainda serei são verbos que se conjugam sob áurea de um mistério fascinante.

Eu me recebo de Deus e a Ele me devolvo.

Movimento que não termina, porque terminar é o mesmo que deixar de ser.

Eu sou o que sou na medida em que me permito ser.

E quando não sou é porque o ser eu não soube escolher.

Reflexão síntese:

Como pertencentes à classe trabalhadora, nossa formação e nossa atuação devem ser, sobretudo, política, coletiva e acadêmica, visando à autonomia de educandos e educadores. Dessa forma, compreendemos que, para que haja a mobilização e compromisso coletivo almejados, é necessária a conscientização de que, enquanto indivíduos atuantes no processo educacional, podemos reafirmar, negar, transformar ou nos submeter à imposição do sistema político vigente.

PROPOSIÇÕES DA REUNIÃO DOS FÓRUNS REGIONAIS

FÓRUM REGIONAL METROPOLITANO

A partir do item sobre o Proeja, constante do Relatório do X Encontro Estadual o grupo destacou:

- A importância de se fazer uma discussão ampla sobre o mundo do trabalho, que deve passar sobre a questão da educação profissional e os educandos da EJA (currículo integrado). "Politécnica?"
- Esclarecimento aos membros do Fórum Metropolitano sobre o funcionamento do PROEJA em relação ao princípio curricular e a viabilidade de implementação. "Serve como referência? Como modelo?"
- O IFG receberá verba de 3 milhões para Pronatec. Trata-se de uma política do governo Dilma, onde o Sistema "S" também terá milhões dessa verba. É importante que o Fórum discuta essa questão e se posicione a respeito de verba pública para instituições privadas;
- O PRONERA pode servir de subsídio para estudo sobre o trabalho com a educação de jovens e adultos, pois é implementado junto com os movimentos sociais, com relativa autonomia curricular e metodológica e se tornou uma política permanente (recursos da economia solidária);
- Participar da audiência com o Conselho Estadual de Educação e Ministério Público sobre o anteprojeto de Lei de Educação do campo, no dia 1 de Junho no palácio Pedro Ludovico;
- Sugestão que o horário de estudo dos professores da EAJA de Goiânia, que atuam no turno noturno em Goiânia, possa ser utilizado como momento de reuniões do Fórum Metropolitano;
- Possibilidade realizar um seminário no IFG.

FÓRUM REGIONAL DOS GRÃOS

- Realizarão encontro do fórum em 10 de agosto para aprofundamento das discussões que foram iniciadas aqui.

FÓRUM REGIONAL DO ENTORNO SUL

Ficam acordados dois possíveis temas para serem trabalhados no Fórum do Entorno Sul que acontecerá em setembro de 2012.

Os temas são:

- * Procurar estratégias para minimizar a rotatividade e garantir a permanência do educando na EJA;
- * Permanência e o tempo de escolaridade do educando da/na EJA, tendo em vista o perfil do educador e do educando.

FÓRUM REGIONAL DAS ÁGUAS

- Carta de Piracanjuba

INDICAÇÕES DAS OFICINAS E TROCAS DE EXPERIÊNCIA

1 – Mundo do trabalho na EJA

- Discussão central: importância do currículo integrado como possibilidade de oferta de formação para jovens e adultos trabalhadores.

2 – EJA nas prisões

- Urgência na elaboração de diretrizes estaduais para educação em prisões, a partir das diretrizes nacionais de educação para o sistema penitenciário aprovadas em 2007.
- Discutir como será articulada a elaboração de Planos Estaduais de Educação nos presídios, a partir do Plano Estratégico de Educação no âmbito do Sistema Prisional (PEESP) instituído pelo governo federal em 2011.

2 - Material didático na EJA

- Formação continuada do professor voltada para a prática de sala de aula e a construção do material didático, de acordo com as necessidades;
- Pensar material didático específico para a modalidade da EJA, que possa levado para casa.

4 – A EJA no Portal dos fóruns

Proposta: Fortalecer e ampliar as formas de interação com o Portal via dispositivos virtuais disponíveis (feeds de notícias, listas de discussão, fórum de discussão e outros) articulado com encontros presenciais, visando a construção coletiva.

5 – Recid/Movimentos Sociais/Economia solidária

Educadores da Recid devem proporcionar momentos de formação com os educadores das redes municipais. (Metodologia freireana).

6 – Formação de professores

- Garantir nos cursos de formação inicial e continuada de professores nas instituições de ensino superior disciplinas que discutam sobre a EJA: quem é o aluno, jovem, adulto e idoso; metodologias adequadas;
- Que as secretarias estadual e municipais e o governo federal garantam formação continuada dos professores para atuarem na EJA, a partir da escuta das necessidades dos mesmos e com participação do fórum;
- Garantir produção e aquisição de material didático adequado à EJA e à realidade local.

7 – Educação Física na EJA

- Ampliar os momentos de discussões da Educação Física a partir do Fórum Goiano de EJA.

8 – Educação Fiscal

- A coordenação do Programa de Educação Fiscal colocou-se a disposição para fazer esta discussão em todas as escolas de EJA do Estado, disponibilizando material de estudo para professores e alunos.

AVALIAÇÃO GERAL DO ENCONTRO

Críticas e sugestões finais

Professora Sandra (IF Goiano): Criticou a organização em termos de tolerância, pediu que a comissão tivesse um pouco mais de paciência e tolerância. Em relação as atividades de trocas de experiência coladas nas reuniões dos fóruns, achou que ficou muito corrido e sugeriu a melhor organização do tempo para essas atividades. Também achou que organizar o evento em locais diferentes dificulta o deslocamento e aproveitamento das atividades. Indicou como sugestão a organização em um único lugar. Elogiou o tempo para debate durante as mesas.

Professora Virginia (Undime): destacou a importância das discussões durante o Fórum e afirmou o compromisso de levar esse debate para as escolas, em especial em

Anápolis, onde é Secretária. Afirmou que participou do encontro o tempo todo e aprendeu muito com as discussões aqui realizadas.

Professor: Destacou a importância das sínteses, enfatizando a necessidade de lutar contra o voluntariado na EJA.

Professora Margarida (UFG): Falou sobre o aprendizado no encontro se referindo à discussão realizada durante a plenária, enfatizando a importância de convivemos com opiniões diferentes. Falou sobre o sentido de participar do Fórum, afirmando o compromisso que todos devem ter para com esse evento, sobretudo por se tratar de dinheiro público que está sendo gasto, além do mais é preciso ter compromisso com a EJA. Ainda destacou o jeito diferente de fazer o relatório final, colocando a relatoria durante a realização das atividades.

Professor Fabrício (UNCME): Formalizou a participação da UNCME no Fórum. Indicou a CME de Formosa para essa representação no Fórum. Elogiou a organização e os participantes.

Professora Maria Emilia (UFG): Reforçou as declarações de Margarida. Destacou o envolvimento com a organização por parte do grupo. Reforçou, ainda, o compromisso do movimento da EJA por uma educação de qualidade.

Professor Jackson (Fórum do Entorno Sul): reafirmou a permanência da versão modificada do texto da proposta do Fórum do Entorno. Também pediu apoio para o Fórum do Entorno.

Entidades parceiras do Fórum Goiano de EJA

Conselho Municipal da Educação de Goiânia e Aparecida de Goiânia, Educadores, educandos e Pesquisadores da EJA, Fórum Regional de EJA do Entorno Sul, Fórum das Águas, dos Grãos, Fórum Metropolitano, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG (antigo CEFET), Serviço Social da Indústria - SESI, Secretaria de Estado da Educação – SEDUC, Secretarias Municipais de Educação de Aparecida de Goiânia, de Goiânia e de Senador Canedo, Silvânia, Sindicato dos trabalhadores em Educação de Goiás – SINTEGO, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Rede de Educação Cidadã – Recid, Universidade Federal de Goiás-UFG, União Nacional dos Conselhos Municipais de Educação – Uncme – Goiás, União Nacional dos Dirigentes Municipais – Undime-Goiás.

Entidades Colaboradoras no XI Encontro

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG, Secretarias Municipal de Goiânia e Caldas Novas, Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC Goiás, Rede de Educação Cidadã – Recid, Universidade Federal de Goiás-UFG, Universidade Estadual de Goiás Polo Caldas Novas- UEG de Caldas Novas, Conselho Municipal de Caldas Novas, Fórum Regional do Entorno Sul, Sintego, GEFE-GO da Sefaz, Portal Nacional dos Fóruns de EJA.

Equipe de relatoria: Angelita Lopes (CMV); Cláudia Borges da Costa (SME - Goiânia); Dayane Mendes da Silva (Pibic/FE-UFG); Fábio Pereira Santana (IF Rio Verde); Eanes Martins Pacheco. (Entorno Sul); Esmeraldina Maria dos Santos (SME- Goiânia); Leandro Viana de Almeida (CMV/PUC Goiás); Luciana Pereira de Sousa (CMV/UFG); Maria Emilia de Castro Rodrigues (UFG); Maria Margarida Machado (UFG); Maribel Schuveidt (CMV/UFG); Nilva Ferreira Ribeiro (EaD/UFG); Pedro Ferreira Nunes (RECID); Raniery Alexandre Alves Paula (CMV/PUC Goiás); Márcia Pereira Melo - coordenadora (SME - Goiânia).